

— Durma, Carlinhos! você está cansado...

Nada respondi com a boca; entretanto, concordei mentalmente, agradecido e reconfortado.

Tia Eunice observou-me a silenciosa atitude de satisfação, porque, nesse instante, curvou-se e beijou-me.

Recordei-me, então, do beijo de mamãe, cada noite, e, em vista do alívio que eu sentia, entreguei-me finalmente ao sono bom.

IV

A GRANDE VIAGEM

Ah! Dirceu, não poderia contar-lhe o que então se passou.

O sono sem sonhos durou apenas algumas poucas horas, porque estranho pesadelo passou a dominar-me inteiramente.

Parecia-me vaguear numa atmosfera obscura e indefinível.

Sentia que mamãe se debruçava sobre mim, pronunciando meu nome, angustiadamente. Observava-lhe as mãos ansiosas, tateando-me o rosto e os cabelos. Ouvia-lhe os gritos de dor, mas de balde procurava acordar e tomar conta de mim próprio.

Sofri muito em semelhantes momentos de incerteza e aflição.

Valeu-me Tia Eunice, que me amparava cuidadosamente.

Pouco a pouco, ao mesmo tempo que me sentia enlaçado nos chamamentos de mamãe, tive a ideia de que uma força superior me arrastava da cama, devagarinho.

Compreendi que me encontrava agarrado a substâncias pegajosas, como o passarinho preso ao visgo. Notei, todavia, que alguém me libertava, despojando-me de um fardo, como acontece ao desfazer-nos da roupa comum...

Desde então, apesar de prosseguir na mesma atmosfera de sonho, não mais senti as mãos de mamãe e somente as de Tia Eunice, que me conchegou de encontro ao coração.

— “Vamos, Carlinhos!” — ouvi-a, distintamente.

Retirámo-nos para a porta de saída. Nossa tia pareceu-me bastante interessada em afastar-se comigo, apressadamente.

Lá fora, o luar deslumbrava. Respirei o ar perfumado e fresco da noite,

como quem recebia verdadeira bênção celestial.

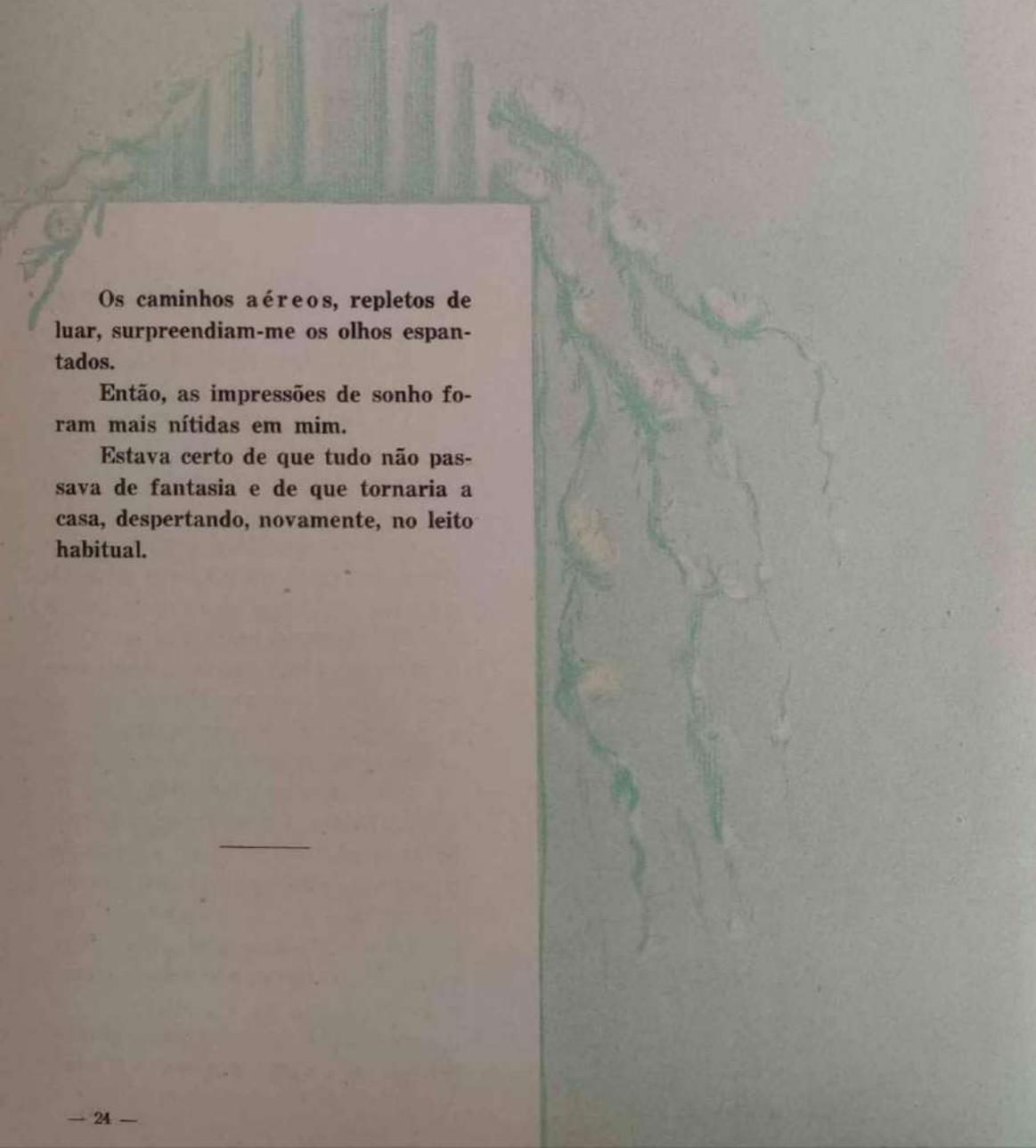
Haviam decorrido tantos dias em que me esforçava sem melhorias!

Tia Eunice carregava-me nos braços, carinhosamente, como se eu fosse pequenina criança. Contudo, embora não conseguisse coordenar meus pensamentos com exatidão, espantei-me ao reconhecer que nos afastávamos do solo.

Embalado pela carícia do vento brando, não sabia que mais admirar — se a melhora que sobreviera, de súbito, se a beleza da noite, embalsamada de aroma e maravilhosa de luz.

Meu contentamento não tinha limites. Estava fraco, vencido, incapaz de falar alguma coisa, mas sentia-me transportado da Terra para uma festa nas estrelas.

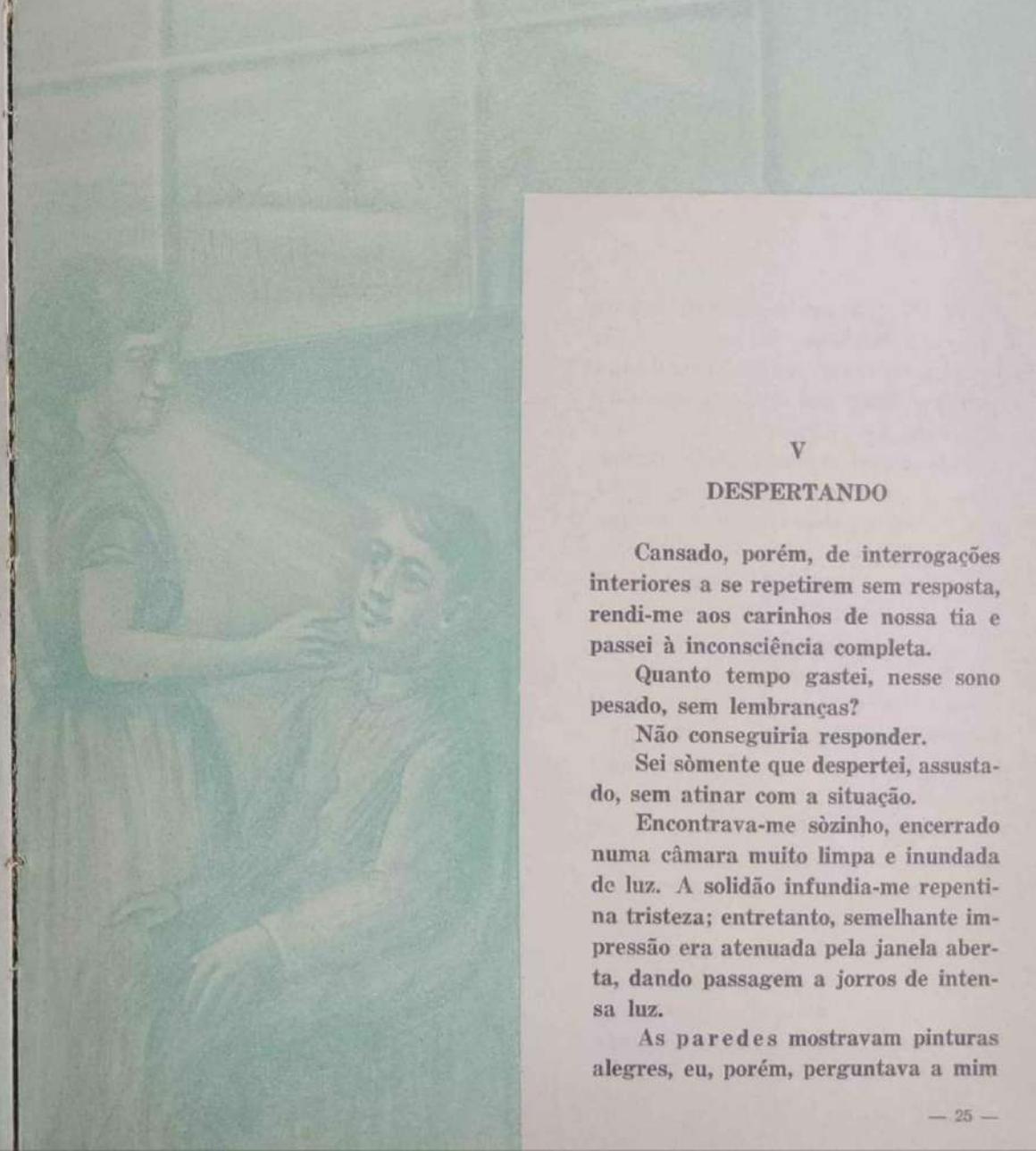
De quando em quando, Tia Eunice pousava em mim os olhos doces e amigos e eu sorria em resposta, contente e agradecido pela bênção de respirar sem cansaço e sem dor.



Os caminhos aéreos, repletos de
luar, surpreendiam-me os olhos espan-
tados.

Então, as impressões de sonho fo-
ram mais nítidas em mim.

Estava certo de que tudo não pas-
sava de fantasia e de que tornaria a
casa, despertando, novamente, no leito
habitual.



V

DESPERTANDO

Cansado, porém, de interrogações
interiores a se repetirem sem resposta,
rendi-me aos carinhos de nossa tia e
passei à inconsciência completa.

Quanto tempo gastei, nesse sono
pesado, sem lembranças?

Não conseguiria responder.

Sei sómente que despercei, assusta-
do, sem atinar com a situação.

Encontrava-me sózinho, encerrado
numa câmara muito limpa e inundada
de luz. A solidão infundia-me repentina
tristeza; entretanto, semelhante im-
pressão era atenuada pela janela aber-
ta, dando passagem a jorros de inten-
sa luz.

As paredes mostravam pinturas
alegres, eu, porém, perguntava a mim